

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**

GISELE CRISTINA SILVA SANTOS

**BREVE ESTUDO ACERCA DOS TRABALHOS EM EDUCAÇÃO SOBRE
AFETIVIDADE**

GUARULHOS

2023

GISELE CRISTINA SILVA SANTOS

**BREVE ESTUDO ACERCA DOS TRABALHOS EM EDUCAÇÃO SOBRE
AFETIVIDADE**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Universidade Federal de São Paulo como requisito
parcial para obtenção do grau em Licenciatura em
Pedagogia. Orientadora: Profa. Dra. Maria Cecília
Sanches

GUARULHOS

2023

Santos, Gisele Cristina Silva

Breve estudo acerca dos trabalhos sobre afetividade/ Gisele Cristina Silva Santos. - Guarulhos, 2023

51f.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Pedagogia) –
Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2023.

Orientador: Maria Cecilia Sanches.

Título em inglês: IBrief study about works on affectivity

1. Psicologia da educação. 2.Afetividade e educação. 3.Henri Wallon. II

Título.

GISELE CRISTINA SILVA SANTOS

**BREVE ESTUDO ACERCA DOS TRABALHOS EM EDUCAÇÃO SOBRE
AFETIVIDADE**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Universidade Federal de São Paulo como requisito
parcial para obtenção do grau em Licenciatura em
Pedagogia. Orientadora: Profa. Dra. Maria Cecília
Sanches

Guarulhos, 09 de Janeiro de 2023.

Profa. Dra. Maria Cecília Sanches

Pareceristas

Prof. Dr. Adalberto Dos Santos Souza

Profa. Dra. Marieta Gouvêa de Oliveira Penna

“Não teme enfrentar, não teme ouvir não teme o desvelamento do mundo. Não teme o encontro com o povo. Não teme o diálogo com ele, de que resulta o crescente saber de ambos. Não se sente dono do tempo, nem dono dos homens, nem libertador dos oprimidos. Com eles se compromete, dentro do tempo, para com ele lutar” (FREIRE, 1987. p. 14).

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiro a Deus por ter me concedido a oportunidade de vida, por me dar sentido e significado em minhas decisões e me capacitar a concluir esse curso. Agradeço ao João, meu noivo, por sempre estar ao meu lado, por me apoiar, auxiliar quando necessário, por acreditar em mim e me impulsionar a novos desafios, aos meus pais por me dar acolhimento e apoio em minhas decisões, por me ensinar valores e princípios sobre a vida. Agradeço imensamente a minha Mãe Dilma, por dar sempre o seu melhor, por doar um pouco de seu tempo para me ouvir, por me socorrer nos momentos mais difíceis da Graduação.

Agradeço ao meu irmão Julio César por ser uma referência em minha caminhada estudantil e por acreditar que é possível sonhar e realizar.

Agradeço às minhas colegas de classe, Emily, Gleyce, Vitória e Bruna e ao meu colega Rafael Carlos por toda parceria na Universidade, pelos conselhos, risadas e apoio e pelas companhias insubstituíveis.

Agradeço aos meus dois grandes amigos e irmãos Welton e Jaqueline, por sempre me ouvir, me ajudar e investir em minha formação.

Agradeço a duas pessoas em especial, Laura e Luana. Pessoas que desde o início em minha jornada na Faculdade nunca me deixaram só e, sonharam comigo quando decidi ir embora da cidade de São Paulo para estudar.

Agradeço aos professores do curso da UNIFESP, que me proporcionaram grandes experiências em minha graduação nesses quatro anos e meio.

Agradeço à Professora Maria Cecília, por me aceitar como sua orientadora e por me ensinar sobre a Pedagogia que transforma. Agradeço aos aprendizados, pela compreensão, paciência, resiliência, sensibilidade ao me acompanhar nesse trabalho de conclusão de curso.

Agradeço a essa Professora especial por compartilhar do saber, de suas experiências lindas, pelas dedicações ao seu imenso trabalho com cada estudante em especial que se propõe a ser orientado por ela.

Agradeço a Universidade por proporcionar a oportunidade de ser uma estudante de Universidade Pública, pela estrutura que o Campus me ofereceu e por todo investimento que os professores depositaram em nós.

*Uma mulher que carrega um bebe no colo disse:
Fale sobre Crianças para nós.
E ele falou:
Seus filhos não são seus filhos.
São os filhos e filhas do anseio da vida por si mesma.
Eles veem através de você, mas não de você.
E embora estejam com você, todavia não lhe pertencem.
Você pode dar-lhe seu amor, mas não seus pensamentos,
Pois eles tem seus próprios pensamentos,
Você abrigar seus corpos, mas não suas almas,
Pois suas almas habitam na casa do amanhã, que você
não pode visitar, nem sequer em sonhos.
Você pode esforçar-se para ser como eles, mas não
busque moldá-los à sua semelhança.
Pois a vida não volta atrás nem permanece no ontem.
Você é o arco que arremessa seus filhos como setas
vivas.
O arqueiro vê a marca no caminho do infinito, e Ele
curva você com sua força, para que suas flechas possam
voar rápidas e cobrir distâncias.
Que sua curvatura as mãos do arqueiro seja de alegria:
Pois como Ele ama a flecha que voa, ama também o
arco que permanece estável.*

Do livro “O Profeta” de Khalil Gibran

RESUMO

Esta monografia realiza um breve estudo sobre os trabalhos em educação que abordam a temática afetividade, à luz da teoria psicogenética de Henri Wallon. O estudo insere-se sob a temática da Psicologia da Educação. O objetivo geral foi contribuir com pesquisas no campo da Educação, sobretudo com aquelas que utilizam a teoria de Henri Wallon como referencial teórico. Esse autor entende a criança como um ser integral em todos os campos do desenvolvimento, sendo eles: motor, cognitivo, afetivo, e pessoa. Para complementar este trabalho foram usados outros artigos de diferentes autores, para enriquecer o levantamento bibliográfico inicial. Os resultados nos mostram que o desenvolvimento afetivo é fundamental, pois está imbricado com outras dimensões humanas, como a cognição, motricidade e consciência de si.

Palavras-Chaves: Afetividade, Henri Wallon, Cognição e Ato motor.

ABSTRACT

The theme of this monograph is to carry out a brief study on works in education that address the theme of affectivity, thus considering the importance of Henri Wallon's psychogenetic theory. The study falls under the theme of Psychology of Education, which brings us closer to the many debates that take place around Education. The general objective of this monograph was to contribute to research in the field of Education, especially with those that use Henri Wallon's theory as a theoretical framework. In addition, to investigate how the theme is approached in different educational contexts. This research is based on the psychogenetic theory of the author Henri Wallon, which his works intentionally contributed to the discoveries of understanding the child as an integral being in all fields of development, namely: motor, cognitive, affective, and person. To complement this work, articles by different authors were used to approach the subject, referring to the accomplishment of two bibliographical surveys. The results show us that affective development is fundamental, as it is intertwined with other human dimensions, such as cognition, motricity and self-awareness.

Keywords: Affectivity, Wallon, Cognition and Motor act.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	12
INTRODUÇÃO	16
CAPÍTULO 1: A TEORIA DE HENRI WALLON	21
1.1 Henri Wallon, vida e sua trajetória.....	22
1.2. Os Estágios do desenvolvimento Psíquico.....	25
1.3 Quais são os campos funcionais e como se desenvolvem na formação da criança?....	31
1.4 Contribuições de Wallon para a educação.....	37
2. CAPITULO: TRABALHOS SOBRE AFETIVIDADE	42
2.1 Considerações a respeito de cada segmento.....	43
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA	48
ANEXOS	51
ANEXO 1: QUADRO A - LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO NA SCIELO, CAPES E CNPQ (BUSCA POR AFETIVIDADE, COGNIÇÃO E APRENDIZAGEM).....	51
ANEXO 2: QUADRO B - NOVO LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO NA SCIELO, (BUSCA POR AFETIVIDADE E HENRI WALLON).....	51

APRESENTAÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso surgiu como um desejo de pesquisa por tentar identificar as relações sociais afetivas que ocorrem em torno de uma classe. A partir disso, alguns aspectos foram importantes para realizá-lo: o primeiro deles, foi o contato inicial que tive com a teoria de Henri Wallon em uma UC disponibilizada como Eletiva, lecionada pela Professora Dra. Maria Cecília Sanches e o Professor Dr. Adalberto dos Santos Souza, o que muito me ajudou a compreender sobre o papel da afetividade. O segundo, e não menos importante, foi a minha experiência em classe nos estágios remunerados que eu fazia nas redes particulares de ensino.

Durante o curso nessa mesma disciplina UC Eletiva *A psicogênese da formação humana e as representações sociais sobre Corpo e Velhice na contemporaneidade*, me encantei com a forma representativa e expositiva que a Professora Maria Cecília expôs a obra de Wallon, que foi de extrema importância para a minha formação, pois pude compreender melhor, a cada leitura que fazia, sua obra. Além disso, consegui compartilhar minhas experiências com as colegas da turma, realizei fichamentos e tantas outras experimentações nesse período tão curto desta Unidade Curricular. Conheci mais de perto sua teoria humanista que compreende o ser humano e seu desenvolvimento psíquico como algo complexo e de um caráter histórico-dialético que depende de diversos elementos que não se dissociam.

Na disciplina cursada foram diversos os assuntos que estudamos, entretanto, dentre muitos desses um me chamou a atenção, foi a questão da afetividade. Tendo em vista a perspectiva do afeto nas relações interpessoais em sala de aula e seu papel no desenvolvimento do psiquismo humano. Foi assim que nasceu o interesse em tentar entender estas relações sob a perspectiva da professora da classe. E foi nessa disciplina que foi despertado o desejo por conhecer mais sobre a vida e a obra desse autor, todavia não imaginava que a partir dela surgiria-se uma pesquisa como um trabalho final.

Em cada encontro na UNIFESP, eu me preparava para esta aula, sempre tínhamos momentos de leitura em duplas ou sozinhos (as), eu ficava admirada com tamanho conhecimento que a professora tinha sobre o Wallon, pois seus textos possuem uma linguagem riquíssima, difícil de ser compreendida de primeiro momento e com termos científicos, biológicos e da própria medicina.

Em meus estágios (remunerados), foram muitos os contatos que eu tive com as crianças. Porém, em sala, sempre tive a curiosidade de compreender como eram as relações sociais dos pequenos até mesmo da Educação Infantil e dos alunos do Ensino Fundamental, entretanto, um dos casos em que me marcou foi o contato com o Pedro, do 1º do Ensino Fundamental da escola da Prefeitura da Cidade de Jacareí, no interior da Cidade de São Paulo, em curto período de estágio, mas de grandes aprendizados.

Um dia, ao chegar na escola, percebi que havia um menino de 6 anos que vivia correndo em sala, não ouvia a professora e possuía um comportamento diferente dos demais colegas da turma. A professora me contou que a criança possuía uma certa particularidade genética, ou seja, que ele tinha autismo e que a sua relação com ele era de extrema dificuldade devido não ser afetiva com o Pedro, relatou por diversas vezes que ao se aproximar ele fugia dela, sempre gritava e não gostava de barulho, Pedro estava no seu primeiro ano do ciclo de alfabetização e tinha grandes dificuldades de se relacionar com os colegas e com a professora. No primeiro momento, cerca de uma semana, não pude estagiar como todas as outras estagiárias daquela escola, nesse meio tempo realizei apenas observações em sala. Até que certo dia a Coordenadora escolar me designou para ser estagiária do Pedro, porém minha aproximação com ele foi difícil, até mesmo o contato para ensinar algo a ele.

A professora orientadora dissera que Pedro havia saído da sala sem pedir a sua autorização, proibindo assim a sua saída sem um acompanhante. Entretanto, cada professor especialista que entrava em sala para dar sua aula sempre olhava para o Pedro com um aluno "excluído", não sendo participante das atividades. O comportamento daquele aluno era aos olhos dos professores "insuportável", eles já não sabiam mais o que fazer pois, o aluno sempre vivia correndo e não demonstrava interesse em aprender (assim foi orientado pela professora da classe).

Nesse contexto, fiquei sem saber o que fazer com aquela situação e comecei a prestar mais atenção nos hábitos de Pedro e sua "professora" de modo a tentar compreender alguma lógica ou racionalidade em meio àquela situação. Pedro sempre chegava mais tarde na escola entre as 07:30 e 08:00 da manhã, justamente porque atrapalhava a rotina da classe, uma vez que para todos os seus professores a presença de Pedro era incômoda, pois ele não era alfabetizado e não "sabia se comportar".

Já a professora do 1º ano era uma pessoa que gritava muito com os alunos, usava de agressões verbais, inclusive para criticar o desenvolvimento de uma outra aluna chamada Lais, pois possuía grandes dificuldades de aprendizagem e, por vezes, se utilizava falas como: “vou deixá-la (o) de castigo”, “não irá brincar”, “ficará comigo na sala fazendo atividade” e tantas outras que pude relatar. Cheguei a relatar em meu caderno de anotações uma fala da professora, que disse a seguinte frase; “era necessário a escola ter sala de choque para colocá-lo e ficar quieto” (disse isso a respeito de Pedro). Pude observar também nos alunos o medo e receio que tinham da profissional.

No decorrer desse estágio, aquela situação havia me incomodado muito, eu não conseguia compreender como a escola poderia permitir aquilo, uma vez que a gestão estava ciente do que se passava com o Pedro e sabiam que era um aluno portador de deficiência, porém ninguém realizava a providência necessária.

Também não entendia como os pais da criança permitiam aquela situação ou se ao menos eles sabiam o que se passava dentro daquela sala de aula, cheguei a conhecer os pais do aluno Pedro quando foram buscá-los para ir a uma consulta médica, eles demonstravam serem inocentes a essas questões, preocupavam-se com Pedro, mas se esqueciam do principal que era ver o comportamento da criança e questionar se tinha algo de errado, porém isso não acontecia. Contudo, não conseguia entender e compreender a professora de Pedro com suas atitudes perante os alunos e até mesmo com o próprio aluno. A maneira como ela tratava as crianças demonstrava que ela não compreendia as necessidades deles, quanto às suas capacidades, parecia que ela não compreendia sua própria função dentro do espaço escolar, função de uma educadora do primeiro ano escolar das crianças, de alfabetizadora, de cuidadora, de responsável, de pessoa humana, responsável pela formação e cuidado de seus alunos. Ela não possuía características alguma de ser uma agente transformadora, mas pelo contrário, demonstrava estar completamente desconectada de sua função pedagógica.

Assim, ao vivenciar esta situação eu me aproximei do Pedro e pude, através dos seus gostos e apressos por outras formas de aprendizagem, levá-lo a entender aquilo que o cercava. Pedro, aos poucos, foi me aceitando, e a relação afetiva dele comigo e com os demais colegas passou a ser diferente de todas aquelas em que já teve antes. Pela primeira vez compreendeu e decodificou as letras do alfabeto, aprendeu a escrever seu nome, sua primeira conquista em sala, passou a interagir com os alunos e comigo de forma afetiva e receptiva

Pedro sempre me abraçava pela manhã e na volta para casa, a partir da positividade na minha relação com ele, percebi se sentia acolhido e abraçado. Aos poucos fui percebendo que a afetividade era necessária na aprendizagem de Pedro, o que o tornou uma criança com o seu desenvolvimento mais ativo. Pedro sentia-se amado, elogiado e participativo em sala, apesar da professora orientadora não saber lidar com ele, conseguia compreender os meus comandos. Os demais alunos da classe passaram a se aproximar de mim e eu pude ajudá-los quando necessário.

Desta forma, surgiu essas e outras necessidades como explicado acima, de compreender melhor as relações sociais em torno da educação escolar sob a perspectiva da professora em consonância com o afeto, um assunto pouco explorado na educação, mostrando-se fundamental na construção da pessoa e do conhecimento.

Assim, abordarei algumas bibliografias estudadas ao longo do curso de Pedagogia, entre as quais foram encontradas nomenclaturas importantes para se compreender a psicologia genética da infância, assim como a psicogênese da pessoa, movimento, afetividade, cognição e consciência. Esses termos foram fundamentais para compreender melhor a criança a partir do tema proposto.

Entretanto, o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) estava sendo elaborado desde Fevereiro de 2021, a partir disso surgiu como complementação para o trabalho realizar entrevistas com duas professoras do 1º ano do Ensino Fundamental, para isso era necessário que o trabalho tivesse a aprovação do Comitê de Ética seguida pela Plataforma Brasil. Esperei quase sete meses para aprovar a documentação e sempre que enviava corrigida ela voltava. Foram várias idas e vindas quanto ao processo de aprovação. Por fim, como estava para finalizar o semestre, tomei a decisão junto com minha orientadora de mudar a rota do trabalho para assim finalizar no tempo certo o semestre.

Enquanto isso, eu estava fazendo diversos estudos para a realização de concurso público, mas sem a conclusão desta pesquisa não seria possível.

Assim, junto à minha orientadora decidimos manter a maior parte do trabalho e completá-lo com um outro levantamento de trabalhos que falavam sobre afetividade no campo da educação. Desse modo, a pretensão de fazer as entrevistas foi deixada de lado.

Nesse sentido procurei diversos trabalhos nas Plataformas Scielo a Scientific Electronic Library e no site Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e Online (Scielo), que será melhor apresentado posteriormente.

INTRODUÇÃO

Este trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo fazer um breve estudo acerca dos trabalhos em Educação sobre afetividade. Este começou a ser desenvolvido como um pré-projeto de pesquisa decorrente da Disciplina Metodologia de Pesquisa no Campo da Educação dirigida pela Prof. Dra. Claudia Barcelos de Moura Abreu, com a contribuição da Prof. Dra. Maria Cecília Sanches orientadora deste pré-projeto que hoje se tornou um trabalho final de conclusão de curso.

Ao longo da construção desse trabalho, a estudante do curso de Pedagogia Sabrina Lopes Sacramento teve contribuições importantes nas pesquisas realizadas em torno do tema afetividade. Junto com ela, foi realizado um levantamento bibliográfico que teve como objetivo levantar dados junto ao referencial teórico Henri Wallon, cujo trabalho decorria de pesquisas precisas.

Foram utilizados sites como; *Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)* e da *Scientific Electronic Library Online (Scielo)*. Quando iniciamos nossas buscas, procuramos por artigos que tinham como conceito principal a afetividade, após introduzirmos as pesquisas, foram encontrados outros conceitos como; *motricidade, emoção, movimento, cognição, aprendizagem*, o que nos deram bases na elaboração deste trabalho. Durante nossas buscas, foram encontrados artigos de cunho qualitativo, pesquisas bibliográficas, estudo de caso, pesquisa empírica de campo, pesquisa teórica, pesquisa de inspiração etnográfica e estudo teórico.

Nesse processo, identificamos que temas diferentes foram encontrados ao longo dessas pesquisas, *como* Interações em sala de aula, Movimento, Afetividade entre professor e aluno, Processo ensino-aprendizagem, Afetividade na creche, Linguagem e Afetividade, Psicomotricidade walloniana, o Eu e o Outro, Desenvolvimento da criança, Práticas pedagógicas, Estímulos, O papel das emoções, Afetividade e atuação do psicólogo escolar, Afetividade na Educação Infantil, Práticas docentes, Afetividade na modalidade de Jovens e Adultos (EJA), Afetividade nas altas habilidades e superdotação, e por fim a Afetividade e os conflitos familiares.

Grande parte dos artigos que lemos nos trouxe informações sobre a afetividade na

aprendizagem e até mesmo sobre o ato motor, embora assuntos comuns como estes nos ajudaram a pesquisar outros artigos diferentes para além da afetividade em sala, como por exemplo, encontramos a teoria walloniana aplicada às crianças e jovens com deficiência intelectual, como também, a afetividade nas altas habilidades e superdotação.

Este estudo nos proporcionou investigar estudos de Henri Wallon, enfatizando de modo especial elementos de sua teoria, permitindo-nos refletir sobre a afetividade e suas inter-relações no processo pedagógico. A partir das investigações na busca por informações, foi considerado importante analisar tais temas. Assim, foi selecionado o total de 31 artigos, sendo 14 deles que abordam somente o conceito de afetividade para Henri Wallon, 25 que apresentam como principal conceito a afetividade juntamente com outros conceitos, como: aprendizagem; emoção; movimento; ato motor; cognição; imitação; intersubjetividade; empatia; desenvolvimento infantil, e 3 em que o referencial teórico é baseado em outros teóricos além de Henri Wallon.

Tendo como base a metodologia, aproximadamente 30% dos artigos encontrados eram estudos teóricos e levantamentos bibliográficos, e os 70% restantes tratavam-se de pesquisa com cunho qualitativo, sendo elas: empírica, de campo, etnográfica, e estudo de caso.

Os dados encontrados nos revelam que o conceito de afetividade é teoricamente entendido, e quando colocado em prática na sala de aula expõe sua importância para o processo de ensino-aprendizagem. No entanto, a falta de compreensão e às vezes de conhecimento acerca desse conceito por parte dos professores, impacta diretamente no desenvolvimento das aprendizagens. Percebemos também, o quanto a relação com o Outro é essencial para o desenvolvimento infantil, visto que é a partir dessa interação que os sujeitos aprendem a lidar com suas emoções e sentimentos, além das aprendizagens com cunho escolar. Pensando nisso, o ato motor também é enfatizado quando trata-se de atividades escolares, em que se percebe a falta de ações pedagógicas pensando no desenvolvimento da motricidade das crianças.

Por outro lado, encontramos artigos cujos resultados das pesquisas foram o domínio de professoras sobre a temática, que exercem práticas pedagógicas pensando nos conceitos da teoria walloniana, e outras educadoras que enfrentam desafios em como colocar em prática tais concepções. De modo geral, é possível perceber em todos os artigos a importância da afetividade para todas as etapas do ensino, conseqüentemente de todas idades, desde a educação infantil até o ensino superior, visto que, há relações afetivas em todos os níveis de

ensino, sendo assim não há desenvolvimento humano sem esses laços interativos. Portanto, sua negligência no início dos primeiros anos de vida impacta diretamente na vida adulta.

Percorrido desse levantamento bibliográfico, esta pesquisa tinha por finalidade, especificar as relações afetivas dentro do ambiente escolar. Ao longo da produção desse trabalho, eu havia estabelecido como tema inicial as relações sociais entre a professora e os alunos do 1º ano do fundamental, com a finalidade de fazer entrevistas com docentes e observação em sala de aula, mas ao longo do semestre o tema sofreu alterações como explicado anteriormente, por conta da demora em receber uma resposta assertiva do Comitê de Ética e a necessidade de eu me formar e conseguir prestar concursos.

Desta forma, o trabalho alterou seu objetivo e propôs como eixo principal fazer um breve estudo dos trabalhos em educação que falassem sobre a afetividade, sobretudo de Henri Wallon, cuja a afetividade, segundo ele, é representada como parte do psiquismo humano. Sendo assim, o papel da afetividade está relacionado com as sensibilidades internas orientadas ao mundo social na construção da pessoa. É por meio dela que ocorrem as relações sociais com as outras, desde a origem da vida até as emoções.

Tais relações com os demais sujeitos torna a afetividade presente na mediação das emoções, na empatia, aguça a curiosidade sendo capaz de fazer a criança avançar no seu processo de desenvolvimento e aprendizagem. Nesse sentido, razão e emoção não se dissociam, visto que uma não acontece sem a outra.

Wallon vai dizer que a afetividade baseia-se na afirmação de que desde o nascimento da criança ela é mergulhada nas relações afetivas, sendo desta forma o seu reconhecimento central no início de tudo. Apresentado essa incompletude por grandes incapacidades, imaturidade, incompletude e por muito tempo sendo incapaz o ser humano de sobreviver sozinho. Ou seja, isso explica que essa incompletude está ligada à sobrevivência do ser humano, sobretudo o bebe, o que só é garantida pela relação com o outro social sendo parcial uma relação próxima e constante. Mais do que a sobrevivência, é através do outro que as primeiras atitudes do ser humano ganham forma (Wallon 1979)

Portanto, há uma necessidade íntima desse outro, sendo assim o afeto ocupa um papel importante em seu desenvolvimento e nas suas relações sociais. O autor também traz grandes contribuições em suas pesquisas realizadas com crianças a respeito da afetividade no desenvolvimento dos conhecimentos no campo da neurologia e da psicopatologia, adquiridos

durante a experiência clínica, o que teve importante papel na constituição de sua teoria psicológica.

De acordo com a dialética, como afirma Wallon (1968, 1971, 1978) para se compreender o processo de desenvolvimento humano, deve-se centrar nas relações dialéticas que estabelecem entre os quatro grandes campos funcionais e que são determinantes desse processo: a cognição, a afetividade, o movimento e a pessoa. Esse processo ocorre a partir da contínua correlação que existe entre esses núcleos, assim explica-se a interação que ocorre entre as conexões biológicas/orgânicas e sociais, ou seja, o biológico e o social são indissociáveis. Nesse contexto, o autor discorre em seus textos distinguindo emoção de afetividade, para ele a emoção está ligada a desordem sendo ela mecânica e catastrófica, ou seja, é o primeiro elo mais forte que estabelece com o outro e o ambiente inserido, construindo assim suas primeiras manifestações orgânicas. Nas emoções encontram-se três prioridades importantes: a contagiosidade (capacidade de contagiar), plasticidade (capacidade de refletir sobre o corpo e seus sinais) e regressividade (capacidade de regredir as atividades do raciocínio).

A afetividade seria portanto, mais complexa de ser entendida, envolvendo as emoções, o sentimento e a paixão. É um conceito mais amplo e constitui-se no desenvolvimento humano determinado pelo processo de apropriação, pelos elementos simbólicos da cultura que possibilita sua representação. Sendo assim, emoção e cognição coexistem no indivíduo em todos os momentos, embora nas diversas etapas do desenvolvimento, o que segundo Wallon, ocorre um predomínio alterado entre as duas funções. Wallon vê o desenvolvimento da pessoa como uma construção progressiva em que se sucedem cada fase afetiva/cognitiva. Cada fase tem sua singularidade, algo sólido, que possui um tipo de atividade. As atividades predominantes correspondem aos recursos que a criança dispõe, no momento, para interagir com o ambiente. Para uma compreensão mais concreta de cada fase do desenvolvimento psíquico, será descrita nos próximos capítulos, o que terá cada uma a sua descrição própria proposta pela psicogenética walloniana.

Nessa perspectiva a afetividade na sala de aula é importante, pois uma escuta ativa e uma atitude afetiva quanto ao educador nessa ligação, a relação professor e aluno favorece o desenvolvimento e o aprendizado da criança. Diante disso, tais elementos são imprescindíveis no seu desenvolvimento, visto que o afeto junto ao ato de aprender é refletido sobre a relação que existe entre afetividade e aprendizagem.

O eu e o outro constituem-se, então, simultaneamente, a partir de um processo gradual de diferenciação, oposição e complementaridade recíproca. Compreendidos como um par antagônico, complementam-se pela própria oposição. De fato, o Outro faz-se atribuir tanta realidade íntima pela consciência como o Eu, e o Eu não parece comportar menos aparências externas que o Outro (WALLON, 1975, p.159).

Ao entender a afetividade como um campo complexo, o estudo da criança seguido por Wallon possibilita perceber que entre as relações e seu meio instala-se uma dinâmica recíproca com cada idade, estabelecendo-se um tipo particular de interação entre o sujeito e o seu ambiente em que vive. Os elementos físicos, a pessoa mais próxima, a linguagem e os conhecimentos de cada cultura forma o contexto do desenvolvimento. Logo o meio não é, portanto, estático e homogêneo, mas transforma-se juntamente com a criança.

Quando discutimos sobre a afetividade escolar, não podemos nos esquecer de quão importante ela é na prática do docente, não podendo ser deixada de lado no que diz respeito ao ensino-aprendizagem das crianças. Entretanto, não pode ser enxergada como empobrecimento da prática reflexiva do professor em sala de aula, nem tão pouco a sua formação crítica-reflexiva, mais importante ainda é a sua prática consolidada nos saberes iniciais de cada etapa do processo escolar de cada criança.

A influência da afetividade na relação professor-aluno foi problematizada neste estudo, pois compreende-se que a formação do aluno deve ser integral e significativa assim como presente na prática do docente, ou seja, o campo afetivo e a afetividade se constroem e são decorrentes das relações em que uma criança estabelece. Essas relações constroem e deixam sinais afetivos que são os sentimentos, que vão se mover, agir e interagir no mundo de forma positiva ou negativa.

As práticas efetivas levam as relações professor-aluno a um desenvolvimento cognitivo mais efetivo por parte do aluno, pois compreende como as relações afetivas em sala de aula influenciam no seu processo ensino/aprendizagem e por consequente no seu desenvolvimento cognitivo de forma positiva, assim como a influência afetiva nos processos cognitivos na relação das vivências em sala de aula, na convivência professor/aluno, isso demonstra e provoca interesse por parte do desenvolvimento cognitivo. Dessa forma, a teoria walloniana traz grandes contribuições para o entendimento das relações entre afetividade na educação, além de situar a escola como um meio fundamental no desenvolvimento desses sujeitos. A

noção de domínios funcionais “entre os quais vai se distribuir o estudo das etapas que a criança percorre serão, portanto, os da afetividade, do ato motor, do conhecimento e da pessoa” (WALLON, 1995, p. 117).

Tendo em vista tais colocações, a pesquisa a ser aqui exposta tem como **objetivo principal fazer um breve estudo acerca dos trabalhos em educação sobre afetividade.**

Desta forma, esse trabalho tem por **objetivo geral** contribuir com pesquisas no campo da Educação, sobretudo com aquelas que utilizam a teoria de Henri Wallon como referencial teórico.

Como **objetivos específicos**, tem por foco analisar os trabalhos que falem sobre afetividade no campo educacional.

Para tanto, será utilizado como **procedimento metodológico** um estudo bibliográfico dos trabalhos acadêmicos, cuja temática seja a afetividade na educação.

Desta maneira, o trabalho será composto por capítulos. Sendo **o primeiro capítulo** a contextualização teórica e abordará de maneira mais aprofundada a teoria walloniana, destacando os principais conceitos a serem utilizados neste trabalho.

O **segundo capítulo** abordará sobre os trabalhos acadêmicos que apresentam a temática da afetividade.

E por fim as **conclusões** serão trazidas as reflexões tecidas acerca desta pesquisa.

CAPÍTULO 1: A TEORIA DE HENRI WALLON

Neste capítulo serão apresentados os principais pressupostos da teoria psicogenética de Henri Wallon, obtidos por meio de leituras do próprio autor e de outros especialistas, realizadas durante a pesquisa.

Na primeira parte do capítulo se encontra um breve resumo da vida e das escolhas metodológicas de trabalho de Henri Wallon. Na segunda parte segue uma explicação sobre os estágios de desenvolvimento psíquico. Na terceira parte, os campos funcionais e as leis que regem tal teoria e na última parte, a teoria de Wallon com algumas questões que tangem o campo educacional.

1.1 Henri Wallon, vida e sua trajetória

Henri Paul Hyacinthe Wallon, teórico francês (1879-1962) conhecido por desenvolver a teoria da Psicologia do Desenvolvimento, nasceu em Paris, na França. Wallon, vivenciou ativamente os processos e regressos de uma sociedade marcada pelas duas grandes guerras da época, nesse contexto participou da construção de um projeto para a educação (Langevin-Wallon) - projeto de reforma francesa que, mesmo não implementado, foi o mais completo e original do século. Esse projeto ficou conhecido na França e em diversos outros países e até hoje inspira muitos outros, assim como algumas reformas parciais.

A biografia de Wallon nos mostra um sujeito que buscou associar a sua atividade científica junto a sua ação social.

Henri Wallon era um homem letrado e erudito, possuía grandes conhecimentos na área da Filosofia, formado pela Escola Normal Superior, além disso possuía formação em Medicina e Psicologia, criou o Laboratório de Psicologia do Centro Nacional de Pesquisa Científica. Foi Educador, mostrava-se inteiramente íntegro ao seu papel com a educação na formação da sociedade, uma vez que para o autor, ao receber conhecimento é fazê-lo necessário a sociedade que vive.

Suas escolhas acadêmicas teve uma consistência na sua formação nas áreas de ciências humanas e exatas, áreas que configuraram o seu grande interesse pela psicologia.

Conseqüentemente isso contribuiu para a sua formação, ele nasceu numa família burguesa no norte da França, cresceu com 6 irmãos e irmãs, em uma sociedade republicana e democrática. A partir da escolha na área psiquiátrica, Wallon passa a dedicar-se a alguns de seus anos, em especial na psiquiatria infantil nos diferentes serviços hospitalares, com foco e interesse pelos processos motores e mentais da criança, sobre os quais se dedica com numerosas observações. Essa trajetória teve grande impacto nas suas escolhas que foram feitas durante a sua vida, trajetória essa marcada pelo facismo na Europa.

Nesse contexto, as duas guerras mundiais (1914-1918 e 1939-1945), o facismo e as revoluções socialistas contribuíram com grande parte de seu trabalho em instituições psiquiátricas e consolidou-se grande afeição pela constituição da criança.

Após o contexto de guerras, Wallon é convidado pelo governo francês a participar de uma comissão para restaurar o setor educacional na França. A partir desse momento, ele demonstra interesse sob múltiplas formas, pelo desenvolvimento psicológico e pelas investigações no campo educacional infantil. Wallon estabelece muitos contatos sobre os movimentos da Escola Nova, liderado por Maria Montessori, na Itália, Ovide Decroly na Bélgica e entre outros.

Wallon, continua à frente de pesquisas e do ensino, ele sempre manteve sua preocupação de assegurar aplicações práticas às pesquisas na educação infantil. Esta foi a sua grande dedicação aos estudos sobre a psicomotricidade, os mecanismos da memória e/ou julgamento moral. Dedicado uma vez mais pelo campo da psicologia e de suas aplicações, também interessava-se vivamente pela determinação das atitudes dos interesses que viriam a se constituir o eixo desta orientação.

Buscando compreender a psicologia humanista, Wallon dedicou-se ao desenvolvimento da criança, o que considerou ser fundamental o estudo da consciência, sendo compreendida a partir de sua gênese. Ainda segundo o autor, o materialismo dialético é apresentado por ele como a formação dos seres com o meio e suas transformações, o que mantém uma relação recíproca. Assim, o seu interesse pela existência humana, de um ser indissociável biológico e social está ligada às questões orgânicas, com o meio e suas relações.

O materialismo dialético introduz uma perspectiva filosófica, caracterizado como método de análise e fundamento epistemológico de sua teoria psicológica, sendo uma psicologia dialética. Ou seja, a psicologia dialética que Henri Wallon utiliza permite-nos compreendermos com mais profundidade a complexidade do psiquismo humano, pois para ele

essa dimensões estão vinculadas entre si, o que cria novas possibilidades de diversos movimentos de alternância, sendo assim, as atividades adquiridas anteriormente preparam para as mudanças seguintes.

Sobretudo, a psicologia genética estuda o início da pessoa, nas suas dimensões (afetiva, cognitiva, consciência e movimento), ou seja, a origem dos processos psíquicos. Ela está ligada aos modos sucessivos de relações que o sujeito tem com o meio em que vive. Wallon integra esse estudo ao desenvolvimento, ou seja, aos vários campos funcionais no qual está completamente ligada às atividades infantis, sendo elas afetividade, motricidade e inteligência. Esse estudo que Wallon propõe, diz respeito à criança, isto é, nas suas relações com o meio. Assim, para uma maior compreensão maior do desenvolvimento infantil os dados oferecidos pela psicologia genética não foram suficientes, pois era preciso recorrer aos outros campos das ciências como a neurologia, psicopatologia, antropologia e a psicologia animal, sendo esses os campos de estudos de Wallon.

A formação da inteligência é genética e organicamente social, ou seja, "o ser humano é organicamente social e sua estrutura orgânica supõe a intervenção da cultura para se atualizar" (Dantas, 1992).

Wallon compreende o meio como uma função indispensável no desenvolvimento humano, essa concepção se dá a partir do ambiente social e dos aspectos biológicos na sua correlação e interdependência. Ele considera que o sujeito constrói-se na sua interação com o meio, ou seja, para se compreender a criança e seu comportamento é necessário levar em conta os aspectos social, familiar e cultural.

A compreensão do desenvolvimento psíquico é marcado por contradições e conflitos, elevando a resultados da maturação orgânica e das condições ambientais. Nesse sentido, essa visão se contrapõe a ideia de um desenvolvimento linear e em etapas definidas e seguidas que possivelmente poderia ser compreendida por períodos marcados que sucederam para Wallon, aspectos dos diferentes momentos do desenvolvimento o que não são superados por outros, mas que podem aparecer em alguma etapa da vida, ganhando novos sentidos de acordo com as diferentes condições do sujeito.

O autor entendia que o meio em que o sujeito vive não é estático e homogêneo, ele dá-se por transformações nas relações com o sujeito. Para Wallon (2007), o homem é um ser "geneticamente social", ou seja, ele só se desenvolve biologicamente e socialmente se estiver

em contato com a cultura que o cerca. O meio, portanto, trata-se de algo diferente, é onde ocorre as diversas relações entre os seres, entretanto Wallon explica que cada ser participa de diversos meios, tal como a escola e a família, ocorrendo com outros uma participação menor, porém todos integram em uma só formação, a do sujeito. Sobretudo o meio tem por consequência grande influência na formação do ser, o que mantém uma relação mútua.

O que entendemos como meio social é que ele se superpõe ao meio natural, ou seja, transforma-se em um instrumento necessário sobre a ação sobre o meio natural. Para o autor o processo de desenvolvimento se dá, portanto, através de várias interações de desenvolvimento; a filogênese (plano do desenvolvimento orgânico no indivíduo), a ontogênese (plano do desenvolvimento do indivíduo na sua cultura) e a microgênese (plano da vivência individual como subjetividade).

Desse modo,

[...] na criança, opõem-se e implicam-se mutuamente fatores de origem biológica e social [...]. O objetivo assim perseguido não é mais do que realização daquilo que o genótipo, ou gérmen do indivíduo, tinha em potência. O plano segundo o qual cada ser se desenvolve depende, portanto, de disposições que ele tem desde o momento de sua primeira formação. A realização desse plano é necessariamente sucessiva, mas pode não ser total e, enfim, as circunstâncias modificam-na mais ou menos. Assim, distinguiu-se do genótipo, o fenótipo, que consiste nos aspectos em que o indivíduo se manifestou ao longo da vida. A história de um ser é dominada pelo seu genótipo é constituída pelo seu fenótipo (WALLON, 1941, p. 49-50).

Apesar de já termos compreendido o papel do meio, é importante lembrarmos que a importância do meio, do social, a partir do desenvolvimento humano o autor não deixa de mostrar o quão importante é o biológico no desenvolvimento humano psíquico. A formação de Wallon na Medicina teve grande auxílio na formação de sua teoria, uma vez que a maturidade do sistema nervoso, do ponto de vista funcional pode acabar não ocorrendo de maneira certa, desta forma o desenvolvimento psíquico ocorre de grandes atrasos.

1.2. Os Estágios do desenvolvimento Psíquico

Wallon compreende o desenvolvimento da pessoa completa como uma construção progressiva em que ocorre fases predominantes de alternância afetiva e cognitiva. Assim, para que possamos compreender melhor a sua teoria destaco características centrais de cada um dos seis estágios propostos pelo autor. São eles: Impulsivo-Emocional, Sensório-Motor e Projetivo, Personalismo, Categorical, Adolescência e Puberdade e Fase Adulta. No decorrer de cada estágio será feita a descrição do desenvolvimento.

O estágio *Impulsivo Emocional* diz respeito a idade de 0 a 1 ano das crianças, está ligada ao seu nascimento até o primeiro ano de vida, nesse estágio o que mais predomina são as atividades que visam à exploração do corpo com relação às suas sensibilidades internas e externas. A criança não faz diferenciação do mundo exterior, ela é movida por suas emoções, necessidades e desejos, seja fome ou dor, ou seja, a sua relação está extremamente ligada com os órgãos tônicos (sustenta o movimento) e o órgão clônico (função de deslocamento). Somente por meio das emoções que a interação com o meio ocorre, assim ela consegue satisfazê-la. A partir desses movimentos ocorre a funcionalidade com o outro como instrumento de satisfação de suas necessidades e passam a funcionar como instrumentos expressivos de estados da criança.

Mas esta simples associação fisiológica é em breve dobrada por uma outra que a faz passar para o plano da expressão, da compreensão e das relações individuais. O efeito obtido torna cada vez mais nitidamente intencional a manifestação emotiva. Torna-se um meio de resultados mais ou menos seguros. E este é um novo campo que se abre à atenção, à sagacidade nascente da criança (Wallon, 1979, p. 151).

A afetividade é muito presente. Logo no início da vida, o bebe se comunica através de seu corpo, ele passa a se comunicar de maneira imprecisa. O movimento é aquilo que demonstra sobre a vida psíquica da criança pequena, até mesmo antes de ocorrer o momento em que aparece a palavra. Para Wallon, antes disso, a criança para se fazer entendida, se comunica através de gestos, movimentos relacionados aos impulsos nervosos. Ele percebe que esses impulsos causam respostas ao seu estado, o que faz com que a mãe corresponda com a afetividade e corresponda com a intermediação na sua relação com o mundo físico, o que proporciona uma inaptidão do bebe para reagir diretamente à realidade ao seu redor.

Assim, a mãe por sua vez corresponde a esses impulsos atendendo a suas necessidades ao amamentar, tocar e etc. A interação nessa circunstância por parte do bebê é totalmente comunicativa, o bebê aprende que para suprir os seus desejos é necessário a suas expressões, o choro, o movimento e entre outros. Essa interação mantém a afetividade durante todo o período da vida da criança, ela ainda não possui as capacidades cognitivas para responder a outros estímulos de maneira que não seja através das emoções, sendo assim, as suas capacidades sensoriais ainda não são maduras e estão em desenvolvimento e as suas relações se desenvolvem com o outro.

O segundo estágio do desenvolvimento é chamado *Sensório-Motor e Projetivo*, e está relacionado com as crianças de (1 a 3 anos). Durante esse estágio a criança se interessa pela exploração mais concreta, ela começa a fazer a distinção de si e do mundo por meio do movimento com sentido (o toque, apalpar os objetos). Nesse contexto, o que mais predomina é o caráter subjetivo e muitas vezes afetivo, entretanto o seu resultado está ligado ao movimento por suas consequências sensíveis do operante sensorial e de tornar possível uma percepção mais precisa e mais distinta das excitações causadas pelos objetos exteriores. Suas atividades concentram-se na exploração do espaço físico pelo segurar, manipular, apontar, sentar e andar, assim, inicia o processo de discriminação entre os objetos separando-se entre si. Wallon (1942) destaca que entre os dois aos três anos de idade a criança acaba conquistando a dimensão simbólica do pensamento, assim isso vai lhe dar condições de apropriar-se do conhecimento acumulado através do meio social.

Para o autor, nesse estágio existe um marco fundamental que está ligado às funções motoras é o desenvolvimento da linguagem e da função simbólica, isto é, a presença da cognição também é caracterizado nesse estágio devido a curiosidade que cerca a criança ao conhecer o mundo exterior. No desenvolvimento motor é desenvolvido nessa fase, onde a criança passa a relacionar-se com o mundo através da linguagem que pouco é desenvolvida, porém existente.

A fase projetiva é caracterizada pelo funcionamento mental, neste caso, o pensamento precisa do auxílio dos gestos para se exteriorizar, o ato mental, assim “projetar-se” em atos motores. É nesse momento que a criança se expressa através dos gestos, como pelas palavras, seu pensamento, a imitação usada de forma simbólica na sua representação. Consiste primeiramente na sua repetição dada pela criança, num gesto em que ela própria acaba fazendo.

A partir dos dois anos a criança se dispõe desses dispositivos e começa a dispor da fala. O espaço acaba sendo para ela uma realidade independente dos objetos que a compõem, acaba sendo um espaço livre para a sua atividade intelectual e é onde surge a autonomia que se manifesta por volta dos três anos. A fala, quanto ao aspecto auditivo, passa para um segundo plano o que torna presente o aspecto linguístico exercendo influência sobre os fatores cognitivos.

Ao contrário do estágio anterior, neste predominam as relações cognitivas (inteligência como prática simbólica) o que instrumentaliza a criança para o próximo estágio do Personalismo.

No estágio *Personalismo* ele tem por destaque as crianças de (3 a 6 anos de idade). A centralidade desse estágio é a formação da personalidade da criança realizada nos estágios anteriores, a criança acaba construindo sua própria subjetividade, é nessa fase que elas desenvolvem as habilidades motoras e cognitivas. Aqui a criança descobre as diferenças que ocorrem em torno de outras crianças e do adulto. A criança passa por um processo de conhecer de fora para dentro, a direção é para si mesma, ela aprende pela oposição ao outro, ou seja, pela descoberta do exterior ao atingir outras pessoas, rompe com o sincretismo que ocorre entre ela e o outro, nesse processo a afetividade facilita o seu processo de ensino e aprendizagem o que torna a sua a sua convivência com crianças de idades diferentes e aceitações dos comportamentos de negação o que faz parte de seu desenvolvimento cognitivo.

A partir da construção da subjetividade ocorrem as atividades de oposição (expulsão do outro) e ao mesmo tempo ocorre a assimilação do outro, a de imitação. Assim, inicia-se o processo de discriminação entre o Eu o Outro separando-se e distinguindo-se do outro, onde faz o uso das expressões como eu, meu, não e entre outras. Desta forma, a construção da consciência de si dá-se por meio das interações sociais, reorientando-se o interesse da criança para o outro assim predomina a relação afetiva que vai até os seis anos de idade.

Nesse contexto a mediação é importante, pois o educador realiza um papel importante que ajuda a reforçar a altivez da criança, por consequência estabelece uma relação de paridade com o Eu, isso ajuda a compreendermos as relações que ocorrem entre o professor e o aluno no seu processo de desenvolvimento. Uma vez que o Eu é marcado pelas atividades de crise de oposição (3 a 4 anos), idade da graça (4 aos 5 anos) e a imitação (5 aos 6 anos de idade). Estes movimentos que a criança acaba criando não acaba nesse estágio, mas continua ao longo de sua vida.

De acordo com (Leite 2006) a questão da afetividade é de extrema importância nas práticas de ensino, pois apontam uma necessidade que esse tema revela nas práticas educativas, o que obrigatoriamente deve ser incluído na formação dos educadores. A partir disso, torna-se importante os processos de mediação pedagógica planejados e desenvolvidos pelos próprios professores em aula, sendo os impactos afetivos positivos nas relações que estabelecem entre os alunos e os ensinamentos. Desta maneira, a pesquisa aqui composta nos revela que as relações entre aluno/aluno, aluno/professor é de uma completude extrema e requer extrema atenção, ao mesmo tempo é interessante de se tentar compreender, uma vez que o campo afetivo, e em especial as relações, se tornam variadas. Assim, ao decorrer deste trabalho torna-se importante questionarmos os sujeitos que compõem esta pesquisa como ocorrem as relações afetivas com os alunos em sala de aula.

O estágio *Categorial* é marcado pela idade das crianças de 6 a 11 anos e divide-se em Pré- Categorial. Ocorre grande diferenciação entre o Eu e Outro estabelecendo uma condição estável entre a exploração mental e o mundo físico mediante atividades de argumentos, seriação, classificação, categorização em várias etapas de abstração até que chegue ao pensamento categorial. Depois da consolidação simbólica e a diferenciação do estágio anterior, traz importantes avanços no desenvolvimento da inteligência.

Neste estágio a cognição se torna mais presente, uma vez que a criança está procurando não só entender, mas categorizar o mundo que a cerca, ressignificá-lo, descobrir semelhanças e diferenças. Já nesta fase os aspectos motores estão bastante desenvolvidos.

Entre os 6 e 7 anos de idade inicia-se o período-escolar da criança, onde torna-se possível a criança já não realizar atividades espontâneas, mas faz com que ela se dedique às outras que precisam de uma maior autodisciplina. Nesse processo a escola desempenha um papel importante no desenvolvimento das potencialidades das crianças, o que ajuda.

Por volta dos seis anos, inicia-se o estágio categorial, que, graças à consolidação da função simbólica e à diferenciação da personalidade realizadas no estágio anterior, traz importantes avanços no plano da inteligência. Os progressos intelectuais dirigem o interesse da criança para as coisas, para o conhecimento e conquista do mundo exterior (GALVÃO, 2007, p.44).

Essa fase escolar a criança passa a enxergar o mundo com mais clareza, esse é o momento onde a criança passa a ser abster dos conhecimentos linguísticos como a escrita e a leitura, porém ocorre que nem sempre as crianças seguirão as limitações de sua idade como proposta por Wallon nestes estágios, pois ainda é muito comum ver as crianças ainda nessa etapa do seu desenvolvimento possui certas limitações em compreender de maneira sincretizada. Todavia, essas limitações não são respeitadas pelos professores em sala de aula, o que torna o aprendizado da criança mais difícil, o que não podemos nos esquecer é de sempre estarmos atentos às necessidades particulares de cada criança dentro de sala de aula.

Dessa maneira, a autodisciplina mental vista por Wallon diz respeito às atividades e posturas motoras mais precisas que ocorrem por movimentos involuntários. A diferenciação entre o Eu e Outro já iniciada anteriormente, torna as condições mais favoráveis para a exploração da inteligência a partir do mundo físico.

Trata-se de um período de exercício intenso das funções cognitivas, propiciadas pela maior capacidade de intervenção no meio social; a criança exercita o novo poder que lhe dão a memória, a atenção, a percepção e, particularmente, o pensamento, que, nessa fase, deverá diferenciar-se chegando, ao final do estágio, às características do pensamento adulto. (AMARAL In: MAHONEY, 2004, p.85)

Logo, os pensamentos dar-se através de suas experiências pessoais e também pelo que aprendeu através do meio. Ainda dentro desse estágio a presença do sincretismo (pensamento discursivo) sendo a principal característica do pensamento infantil está relacionado ao estado de fusão, mesmo que não tenha separado o Eu do Outro.

Sendo assim, o sincretismo possui quatro características importantes na formação do pensamento da criança. São elas: Fabulação (capacidade da criança inventar histórias), Taulogia (repetir palavras para definição de algo), Elisão (exclusão de elementos) e Contradição (substituição das ideias contrárias).

O quinto estágio proposto por Wallon é a fase da *Puberdade e Adolescência* que ocorre entre os (11 anos em diante). Esse estágio é marcado pela exploração de si mesmo, como a exploração da identidade e com grandes influências afetivas e mudanças

físicas hormonais). Aqui se instaura uma autonomia criada mediante atividades de confronto, autoafirmação e questionamentos.

Do ponto de vista intelectual, a adolescência é a fase em que o jovem se questiona sobre o destino do mundo e o porquê de as coisas serem como são. Busca transformar o mundo, anseia por um mundo melhor. Este é o momento de opções religiosas, místicas, políticas, e os jovens procuram se filiar a grupos ideológicos. Tais grupos o ajudam a buscar o significado da vida, assim como uma ação efetiva de transformação. É a esperança presente na utopia juvenil. (GULASSA In: MAHONEY, 2004, p.112)

Nesse estágio as características são claras de outros estágios como o pensamento categorial e a consciência de si, porém marcada por altos conflitos de personalidade, ao mesmo tempo é visível as questões pessoais, morais e existenciais o que também contrapõem seus valores até mesmo com os adultos de seu convívio. Diferentemente do Personalismo, esse estágio faz com que o adolescente passe por mudanças significativas do Eu, que devido às capacidades cognitivas, já consegue ter um pensamento mais concreto.

Nesta faixa etária, ocorre a capacidade de definir, ou seja, a transformação da representação em classes definidas, a partir dos ajustamentos sistemáticos e de exclusões de propriedades não pertinentes ao objeto. Estreitamente ligada à definição, a capacidade de explicar torna possível a compreensão e de si o do mundo, mas esse conhecimento passará sempre pelo crivo da afetividade, que, a cada novo estágio, se apresenta com características particulares, resultantes das conquistas no plano da cognição. (AMARAL In: MAHONEY, 2004, p. 91)

Já o último estágio encontra-se na fase *adulta*, que inicia no final da adolescência e vai até o final da vida. Esse estágio é marcado pelo equilíbrio afetivo e cognitivo.

1.3 Quais são os campos funcionais e como se desenvolvem na formação da criança?

Wallon, ao escrever sobre a pessoa completa ele teve por foco principal a observação criança a partir do seu desenvolvimento, não descartando a ideia estudar o psiquismo, as origens biológicas da vida psíquica, pois acreditava que a existência inicial e contínua do psiquismo e da vida. Ele se debruçou sobre a sua teoria sobre o materialismo histórico-dialético, o que comprometeu a compreensão do desenvolvimento humano, marcado por ruptura, o que compete compreender a sequência das etapas do desenvolvimento infantil

O autor dá-se por tal importância olhar a criança, ou seja, o contexto na sua totalidade e suas particularidades.

De acordo com Dantas (1990, p. 32) longe de evitar as contradições que encontra no seu “objeto de estudo” – a criança:

Wallon parece se comprazer em buscá-las e aprofundá-las. Toda sua teoria está plena de causas que geram efeitos opostos, de caracterizações em que convivem qualidades antagônicas, alternando-se, substituindo-se labilmente. Sua análise se detém preferencialmente nos momentos de crise e contradição que marcam o processo de desenvolvimento.

Desta forma, ao desenvolver a sua teoria em seus textos Wallon decorre da ideia de que o desenvolvimento não é linear e contínuo, mas ocorre de maneira integrada com as demais funções qualitativas a partir da organização das funções motoras, afetivas e cognitivas que se relacionam as fases anteriores o que alternam o exercício de um papel sobre os demais. Essa integração ocorre sob as funções orgânicas sendo elas a plástica, dinâmica e resultante da superação de oposição de um em relação ao outro.

Assim essa integração não é um estado alcançado ao final de um estágio, mas é o que define a condição plástica da pessoa em seu desenvolvimento. Nesse contexto, Wallon determinou os quatro campos funcionais que deram sequência a sua teoria sobre o desenvolvimento da criança em direção ao adulto, são elas: **o afetivo, o cognitivo, o movimento (ato motor ou motricidade), e a pessoa**. Cada um dos campos tem sua particularidade e sua função no desenvolvimento humano, estes funcionam de maneira unida, porém foram separados pelo autor por motivos didáticos.

Wallon ao estudar o **movimento** destacou sendo um dos primeiros, pois é o movimento que dá continuidade aos demais campos funcionais. Ele está ligado às emoções, e mobiliza a

afetividade em diversos fatores ao longo do desenvolvimento. Segundo Wallon, o movimento é a tradução da vida psíquica, antes do surgimento da palavra. (WALLON, 1975, p.75). O movimento ocasiona aprendizado nas situações em que as crianças percorrem, isto é faz a separação entre a criança e o meio, ou seja, o movimento operante com as emoções trabalham juntos e ajuda no processo de formação do Eu, criando na criança uma particularidade própria entre ela e o ambiente que a cerca.

Wallon destaca que antes de agir sobre o meio físico, o desenvolvimento atua sobre o meio humano através de seus movimentos expressivos, o primeiro momento que ocorre o desenvolvimento infantil é na afetividade, é a partir dos gestos como o de pegar, abrir e fechar que são gerados os movimentos como instrumento exploratório sob o mundo físico. Esse início é definido como o início cognitivo do desenvolvimento.

No entanto, para Wallon a fase afetiva está relativamente ligada à primeira, antecedendo ao cognitivo. A afetividade é um dos elementos mediadores das relações sociais é entendida como um conjunto funcional que corresponde pelos estados de bem-estar e mal-estar, ou seja, atingido pelo que afeta e ao mundo ao seu redor. De acordo com Wallon, afetividade são manifestações de dimensões tanto psicológicas como biológicas. Onde as manifestações psicológicas são representadas pelos sentimentos e desejos, e as manifestações biológicas são representadas pelas emoções, (WALLON,1968).

Ao longo da sua obra Walloniana percebemos que a emoção não significa necessariamente afetividade, para Wallon o papel das emoções exercem as manifestações da afetividade, o que se diferencia uma vez, das mudanças que existem no tônus corporal da pessoa. Como por exemplo temos os balbucios do bebe, o choro, os reflexos que são manifestações das emoções percebidas pelo outro. Entretanto, essas manifestações são possíveis de serem vistas em sala de aula, uma vez que o conhecimento é parte fundamental do ensino e aprendizagem das crianças.

Wallon trata das emoções em sua teoria um aspecto importante observado ao longo do início da vida do bebe o que mantém o seu papel na origem da consciência. Galvão diz que “as emoções podem ser consideradas, sem dúvida, como a origem da consciência, visto que exprimem e fixam para o próprio sujeito, por meio do jogo de atitudes determinadas certas disposições específicas de sua sensibilidade.” (GALVÃO, 2011, p.63). Portanto, as emoções possuem características importantes do ponto de vista da educação, sendo a primeira a

capacidade de "contágio" das emoções e a segunda trata-se da reação do outro para que ela aconteça.

De acordo com Wallon(1995), no campo afetivo ele destaca a capacidade afetiva de juntar o biológico ao social, o que ocorre por meio das interações ligadas à emoção. Galvão (2011, p. 66) explica que “tanto para o recém-nascido como para as sociedades, as emoções aparecem como forma primeira de adaptação ao meio e tendem a ser suplantadas por outras formas de atividade psíquica”.

Desse modo, conforme ocorre o desenvolvimento da pessoa ela consegue desenvolver a necessidade afetiva pela comunicação intelectual.

a atividade intelectual, que a tem a linguagem como um instrumento indispensável, depende do coletivo. Permitindo acesso à linguagem, podemos dizer que a emoção está na origem da atividade intelectual. Pelas interações sociais que propicia, as emoções possibilitam o acesso ao universo simbólico da cultura. (GALVÃO, 2011, p.66)

No campo funcional *cognição* o aparecimento da linguagem acaba sendo um instrumento no progresso do pensamento. Segundo Wallon, o surgimento da inteligência está vinculado a fatores biológicos como aos sociais. Desse modo, existe a afirmação de que a gênese da inteligência é genética e organicamente social”. Os fatores biológicos referem-se às emoções que têm o papel de estabelecer “uma relação imediata dos indivíduos entre si” (WALLON, 1995, p.135). Já os fatores sociais correspondem ao meio social que contribui significativamente com dois aspectos: o sistema de símbolos e a linguagem, ambos desenvolvidos mutuamente aumentando o poder de abstração do indivíduo. (WALLON, 1971, p.71; WALLON, 1975, p.45).

Para tanto, o resultado da linguagem traz grandes impactos sobre o desenvolvimento do pensamento e da afetividade da criança. Logo, a linguagem representa uma mudança da criança ao se relacionar com o mundo exterior.

O pensamento infantil por mais incompleto que pareça ser, não podemos descartá-lo, pois ele é regido por uma dinâmica binária, que ao longo do seu desenvolvimento vai compondo em pares os objetos mentais. Ou seja, o par acaba sendo a estrutura mental do pensamento infantil.

Nesse sentido, a dinâmica dos pares se associam independentemente de sua significação objetiva, pode associar-se por aspectos afetivos ou sob a influência sensório-motora da linguagem. Portanto, esse primeiro momento mostra que o campo motor regula o campo cognitivo e conseqüentemente o afetivo, segundo Wallon (2007. p.159), “seu aparelho motor fica dividido entre a formulação da ideia ainda frágil e as reações ainda incontroladas que uma excitação fortuita arranca dela”.

Wallon destaca que o pensamento sincrético está associado aos primeiros anos de vida da criança, uma vez que a criança não possui capacidade para explorar o mundo ao seu redor e classificá-lo. Ela nesse período parece o meio de forma singular, ela ao focar em um detalhe logo perde o outro e vice e versa. Sendo assim, a principal razão da criança ainda não conseguir diferenciar e analisar os objetos e devido a falta de categorização na formação da criança pequena o que ocorre também devido a falta de memória da criança ainda não ser estrutural, ou seja, racional e marcada pelas emoções não podendo diferenciar-se do mundo objetivo e subjetivo o eu e o outro.

Assim, para que a criança consiga separar o seu pensamento da representação e do pensamento sincrético é necessário que a criança realize a diferenciação do individual ao coletivo, “esta distinção supõe a individualização, na complexa massa das impressões e das coisas” (WALLON, 2008, p.196). Portanto, à medida que a criança passa a compreender o mundo de maneira mais clara ela também compreende a si mesma com mais objetividade, nessa relação que se constroem o Eu e Outro do sincretismo para uma maior diferenciação.

Wallon, destaca que o desenvolvimento humano não está na evolução da do intelectual, mas sim no desenvolvimento da pessoa completa.

No sincretismo, tudo pode se ligar a tudo, as representações do real (ideias, imagens) se combinam das formas mais variadas e inusitadas, numa dinâmica que mais se aproxima das associações livres da poesia do que da lógica formal (GALVÃO, 2011, p.81).

É no estágio categorial que o sincretismo do pensamento acaba, o que intensifica a realização das diferenciações necessárias do sincretismo, o que corresponde à diferenciação do eu-outro no plano da inteligência. Ao longo desse percurso, consolida-se o pensamento categorial, capacidade de organizar o real em séries e classes apoiadas sob o mundo simbólico,

Para Wallon (2007) o pensamento categorial na fase adulta

denomina, enumera e decompõe o objeto, o acontecimento ou a situação em suas partes ou sem suas circunstâncias. Tem de fazer uso de termos com significação definida e estável, controlar sua exata adequação à realidade presente e depois recuperar o todo partindo dos elementos, sendo essa reversibilidade dos resultados a única garantia de sua correção. Procede, pois, por análise e por síntese. (WALLON, 2007, p.160)

No decorrer de sua teoria walloniana, Wallon (2007) compreende o ser humano como um ser completo, ele entende que o desenvolvimento das demais funções só pode ocorrer quando as outras ocorrerem juntas nos diferentes estágios propostos por ele. Ou seja, para que ocorra a formação da Pessoa é necessário a constituição dos outros campos como afetividade, ato motor, e a inteligência. (GALVÃO, 1995).

Portanto, os processos de desenvolvimento nos campos anteriores tem por finalidade a diferenciação da **Pessoa**, sendo um processo que parte do desenvolvimento da personalidade observada de maneira mais clara e objetiva. Galvão (2011) exemplifica isso através dos diferentes estágios de consciência, ou seja, quando um bebê ainda é pequeno, ele não compreende o que ele mesmo é, ele não tem consciência corporal, ele é um todo completamente difundido no meio e nas suas expressões. É somente no decorrer do desenvolvimento que a criança vai conseguindo se “separar” do meio, isso ocorre quando há a comparação e diferenciação do outro, o não-eu.

Wallon para explicar o desenvolvimento da pessoa, fez o uso **de três leis reguladoras:**

- **Lei de alternância funcional:** Diz respeito aos aspectos motores, afetivos e cognitivos que alternam ao longo do desenvolvimento e ocorre por direções opostas entre os estágios. Com orientação voltada para a construção do Eu e na etapa subsequente voltada para as relações externas à pessoa. Ocorrendo alternância entre o campo afetivo e o cognitivo constituindo o ciclo da atividade funcional.

Esse movimento de alternância funcional se ocorre da seguinte maneira ainda no desenvolvimento infantil:

- Estágio Impulsivo Emocional
 - Estágio Sensório - Motor e Projetivo
 - Estágio Personalista
 - Estágio Categorical
 - Estágio da Adolescência e Puberdade
- **Lei de predominância funcional:** Diz respeito ao conjunto funcional de cada estágio, mas três dimensões predominam alternadamente ao longo do desenvolvimento humano, são elas as dimensões motoras, cognitivas e afetivas. Sendo assim:
- Estágio Impulsivo Emocional
 - Estágio Sensório - Motor e Projetivo
 - Estágio Personalista
 - Estágio Categorical
 - Estágio da Adolescência e Puberdade
- **Lei de integração funcional:** Diz respeito às novas possibilidades que se integram as novas conquistas dos estágios anteriores, estes estão sempre presentes no desenvolvimento da pessoa de maneira conjunta, ou seja, um depende do outro para que haja seu pleno desenvolvimento.

Essas três leis descrevem o movimento do processo de desenvolvimento completo como nas fases de cada estágio. Considero importante o conhecimento dessas leis na prática do professor o que compete na formação do indivíduo, uma vez que é necessário trabalhar igualmente todos os campos funcionais dentro e fora de sala de aula, pois só poderá haver a evolução do sujeito se for de maneira completa.

1.4 Contribuições de Wallon para a educação

No decorrer desse tema será discutido sobre as contribuições de Henri Wallon para a educação, uma vez que se dedicou ao eixo principal de sua obra, a educação e a psicologia. E

mais especificamente com a contribuição para o tema deste trabalho. Esta pesquisa tem por finalidade refletir sobre os trabalhos realizados em educação sob a temática afetividade e assim identificar quais as suas contribuições para a educação de um modo geral.

Para isso usaremos como referência a autora Mahoney, que dedicou-se em estudar Wallon e sua teoria. Portanto, uma educação consistente baseia-se em práticas a qual parte das necessidades individuais das crianças e nas suas relações com o meio, o que ajuda a consolidar o que a criança já sabe, mas que também auxilia no trabalho de desenvolvimento de suas potencialidades.

Wallon por si próprio tentou explicar as considerações acerca da educação, muitos desses assuntos tratados por ele são encontrados em artigos destinados à área da pedagogia. Ele compreende a escola como influenciadora no processo de desenvolvimento do aluno, uma vez que é nesse espaço escolar que a criança mantém suas relações. Segundo Mahoney,

A escola, ao se organizar, deve ser a expressão concreta dessa unidade indissolúvel adulto-criança-sociedade, encontrando o ponto de equilíbrio entre o atendimento de suas necessidades do desenvolvimento da sociedade, sem perder de vista que sua maior solidariedade é com a criança. (MAHONEY, 1996, p.10)

Sendo assim, a criança quando em contato com a escola precisa se adequar a um ambiente desconhecido. Ela quando em contato com outros conhecimentos sistematizados, ou até mesmo as relações que mantém dentro da escola é diferente do ambiente familiar, o que leva a criança a reconhecer as suas novas relações que estabelecerá com o meio em que encontra-se. Quando pensamos na possibilidade que esse novo meio proporciona para a criança, estamos falando de relações que são estabelecidas com os educadores e as demais crianças da classe. Mahoney (1996) ressalta quão essencial é que os educadores reconheçam a importância da formação de diferentes grupos de alunos para diversas atividades, possibilitando que no contato com o outro a criança possa cada vez mais se individualizar.

Wallon dedicou os estudos e seu tempo ao Grupo Francês de Educação Nova (GFEN) e a Sociedade Francesa de Pedagogia, tendo portanto participação nos debates educacionais da época. Para além de sua teoria, é importante conhecer a produção do autor com relação à educação quanto ao Projeto Langevin- Wallon, que foi criado junto com o físico Langevin, implantado na França durante o pós-guerra, mas não chegou a ser concretizado. Esse projeto

foi resultado de 3 anos de trabalho, tinha o objetivo de reformar o sistema de ensino na França naquela época.

Diante disso o Projeto teve como embasamento alguns princípios, o de justiça (como desenvolvimento completo), dignidade igual de todas as ocupações (como uma educação gratuita para todos), orientação (sendo orientação escolar e profissional) e o princípio de cultura geral (uma cultura para todos). Para isso o sistema educacional francês compreendia uma divisão de graus e em ciclos, sendo o primeiro e o segundo grau obrigatórios, seguidos desta forma:

1° Ciclo: 7 a 11 anos (educação comum)

2° Ciclo: 11 a 15 anos (ciclo de orientações/opções)

3° Ciclo: 15 aos 18 anos (determinação de estudos teóricos)

Durante o primeiro ciclo, compreendia-se uma educação maternal dos 3 aos cinco anos de idade, a partir dos seis anos, todos os alunos seguiram o mesmo programa educacional, onde teriam maior contato com os conhecimentos intelectuais gerais até que alcançassem os 11 anos de idade. Já o segundo ciclo, ocorre a partir dos 11 anos de idade, assim o aluno teria além do conteúdo obrigatório, diversas opções de atividades das quais poderiam participar para que pudessem conhecer melhor as suas aptidões, desta forma, as áreas de interesse seriam: conhecimentos científicos, literários, técnicos ou estéticos. Este trabalho seria acompanhado por orientadores e professores.

No último ciclo do primeiro grau os alunos de quinze a dezoito anos seriam encaminhados para as especializações, que se dividiam da seguinte maneira: seção teórica, profissional ou prática. O projeto também compreendia uma remuneração de salário no terceiro ciclo do primeiro grau e um salário a partir do 2° grau.

É importante destacar que esse ensino, seguia a teoria do desenvolvimento proposto por Wallon, desta maneira a cultura também representava um papel central no ensino. Sendo assim,

“a orientação profissional precoce, sem essa compreensão cultural, alienará a criança de sua humanidade e causará o empobrecimento da própria cultura”
(MAHONEY, 1996, p.14).

Wallon, criticou alguns movimentos e pensadores da época, pois esses movimentos compreendiam a relação aluno/conhecimento e sociedade. O autor confrontava as ideias da Escola Nova, pela liberdade que as crianças tinham, o que não era permitido alguns momentos de interação entre o professor e o aluno. Sendo assim, o autor fez suas escolhas metodológicas pensando não somente em métodos escolares, mas pensando na função da escola quanto a formação da criança. Portanto, ele compreendia a educação sob o seu papel político, ou seja, formar indivíduos que farão parte da sociedade.

No decorrer de sua teoria, ele enfatiza que a importância do meio no desenvolvimento na pessoa completa, o que deixa claro que o meio é formado pelas relações que ocorrem com o mundo exterior. Wallon, também diferencia o meio dos grupos, dizendo que os dois estão conectados, porém diferente.

Por isso o meio é o principal elemento nas relações entre os seres. Ele tem suas condições físicas e naturais, o que pode modificar-se pelas vivências que nele correm. Os grupos são “uma reunião de indivíduos tendo entre si relações que notificam a cada um o seu papel ou o seu lugar dentro do conjunto” (WALLON, 1975, p.167). Sendo, pois, meios que existem que também podem ser grupos (família) e, meios que podem ser compostos por grupos como a escola.

É importante destacar, segundo diz Wallon (1975), que para a formação de um grupo é necessário objetivos determinantes, uma vez que as relações internas estão relacionadas com esses objetivos. Os grupos representam grande enriquecimento da personalidade da criança, agindo sobre a sua consciência e posteriormente na diferenciação do eu. Logo, nos grupos nos grupos, a criança necessita “identificar-se totalmente com o grupo: indivíduos, interesses, aspirações” (WALLON, 1975, p. 175), isso exige que a criança tome o lugar de um indivíduo, que ela tenha consciência de seu papel determinado em meio àquele grupo.

Nesse contexto, é importante conhecermos como os professores lidam com as situações de conflitos em sala, pois é uma relação direta no modo como se entende as relações em sala de aula. É na fase do personalismo que pode-se começar a compreender esses conflitos, portanto, se faz importante que o educador procure maneiras de incluir as crianças nas atividades da classe.

A partir deste estudo, compreendemos melhor como a teoria de Wallon tem impactos positivos sobre a educação, pois pode nos auxiliar na prática pedagógica de maneira a

entendermos as necessidades das crianças e ressignificar as relações existentes em sala de aula. Portanto, Wallon deixou grandes contribuições para nós enquanto educadores quanto à educação, sendo o professor uma pessoa completa com emoções, afeto, cognição e movimento. E, não nos esquecendo de que é por meio do aluno que ocorre o desenvolvimento de um ser completo.

Desse modo, este capítulo procurou identificar na teoria algumas importantes análises para este trabalho.

2. CAPITULO: TRABALHOS SOBRE AFETIVIDADE

Este capítulo nasceu após nossa decisão em declinar das entrevistas e aprofundar um pouco mais o levantamento bibliográfico feito anteriormente.

A pesquisa sobre o tema “afetividade” no campo na Educação foi realizada nas seguintes Plataformas; Capes de Educação Básica, Scielo e CNPQ. As palavras-chave utilizadas foram, afetividade, educação, aprendizagem, cognição, Henri Wallon, afeto, ensino, emoções, educação e mediação. Foram encontrados cerca de vinte trabalhos que tratavam da temática.

Para organização desse levantamento bibliográfico, foi elaborado um quadro em anexo e ficou dividido em colunas para melhor leitura e compreensão das informações, seguido desta forma: referência, objetivos (e problema/pergunta), metodologia/coleta de dados, objeto de estudo e conclusões.

Nesse sentido, verificamos que, com relação às datas dos artigos, a maioria dos trabalhos foram escritos a partir dos anos 2003 a 2021. Sendo assim, faremos uma breve descrição dos artigos vistos e suas respectivas temáticas.

Em 2003 tivemos 1 trabalho, em 2005 1 trabalho, dois anos depois em 2007 tivemos apenas 1 trabalho, já em 2010 tivemos um salto de cerca de 3 trabalhos foram escritos, em 2012 tivemos um total de 3 trabalhos, em 2013, 2014 e 2015 também apenas 1, a partir de 2017 tivemos mais 2 trabalhos escritos, nos anos de 2018 e 2019 tivemos 4 trabalhos escritos cada ano com 2 trabalhos publicados e por fim, em 2020 nenhum trabalho foi escrito. Durante a busca foram encontrados artigos de cunho qualitativo, pesquisas bibliográficas, estudo teórico, pesquisa de campo, pesquisa de inspiração etnográfica e pesquisa experimental.

Diante disso, identificamos que diferentes temas estavam presentes nos trabalhos como, Representações sociais Docentes da EJA, afetividade e formação docente, Na creche, cuidado corporais, afetividade e dialogo, Do amor como falta, uma abordagem pedagógica, Afetividade, ensino e aprendizagem, Cognição, afetividade e moralidade, Educação ambiental e as dimensões cognitivas e afetivas dos trabalhos com valores: produzindo sentidos,

Linguagem e afetividade: a construção objetiva da professora em suas narrativas, Encontro com o outro: empatia e intersubjetividade aos primeiros anos de vida, Tendências da Educação psicomotoras sob o enfoque Walloniano, Afetividade nas práticas pedagógicas, Investigando as interações em Sala de Aula: Wallon e as vinculações afetivas entre crianças de cinco anos, Inclusão/ exclusão escolar e afetividade, Apropriação participatória mediante interação verbal por triades de crianças durante a resoluções de problemas matemáticos, Afetividade nas relções educativas, Contribuições de Henri Wallon á relação da cognição e afetividade na educação, Na creche, cuidados corporais e dialogia, O papel das emoções no *contexto da Educação Infantil*, *Afetividade no processo de Ensino-aprendizagem: as contribuições da teoria walloniana*, *O copo em movimento na Educação Infantil e por fim*, *Afetividade nas relações pedagógicas: um caminho para a alfabetização*.

Esses trabalhos nos revelam que grande parte dos temas trazem informações sobre o campo afetivo em diferentes segmentos da educação, tais como: creche, educação infantil, ensino médio, educação de jovens e adultos.

Subdivididos da seguinte forma,

Segmentação de trabalhos					
Creche	Ed. Infantil	Ensino Fundamental	Ensino Médio	EJA	Outros trabalhos em Psicologia
2 Artigos	3 Artigos	8 Artigos	2 Artigos	1 Artigo	8 Artigos

2.1 Considerações a respeito de cada segmento

Com relação à creche, os dois artigos concluem que a experiência afetiva, o espaço escolar na perspectiva do educar e cuidar se configuram um ambiente importante para as crianças pequenas, logo a afetividade como propulsora de encontros e construções de significados na relação do bebê com o outro desempenha um papel significativo no desenvolvimento das potencialidades e capacidades da criança. O que favorece experiências

enriquecedoras condizentes com sua faixa etária, promovendo situações de interações e fortalecimento dos vínculos afetivos que vão além do ensino

Sobre a educação infantil, são três artigos que nos chamam a atenção, o primeiro parte da ideia de que o discurso da docente afetiva é construir um conjunto de práticas que indicam as formas de como as condutas acadêmicas podem e devem direcionar e moldar a si e os outros. O autor traz um relato de uma estudante do curso de pedagogia que vivenciou experiências dentro das residências pedagógicas, o que mudou sua forma de pensar e agir com as crianças de Educação Infantil, também enfatiza ainda que a formação acadêmica e a ordem do afeto deve ser desvinculada dos discursos afetivos das professoras formadoras e que elas passem a perceber que o afeto na educação Infantil existe e, que na formação docente os estudantes possam problematizar e não formar profissionais que construa o afeto como recurso para o exercício docente.

Já o segundo retrata a ideia do corpo e do movimento na educação infantil, sendo parte integrante das relações afetivas, assim como no ensino de múltiplas linguagens que ocorrem através das atividades lúdicas. Portanto esses e outros elementos fazem parte do papel que a afetividade desenvolve. E por fim, o último artigo traz a ideia de combater a redundância e salientar o papel da afetividade nas ações pedagógicas, repensando o papel das interações. Sendo assim, é nítido os indicadores de como as relações que a criança estabelece com o adulto são referenciais significativos para a elaboração do seu eu, de sua personalidade.

E, quanto mais lúcidos estiverem quanto aos aspectos significativos do desenvolvimento dos alunos, melhores possibilidades apresentarão de intervenção e mediação da ação educativa em sala de aula, com base em um referencial mais integrado que lhes permita organizar melhor o ambiente, suas ações e antever formas mais efetivas de interlocução com as crianças e adolescentes, pessoas em desenvolvimento (SANT'ANA, Helga; GASPARIM. Liege, p. 228, 2013).

A respeito do Ensino Fundamental, percebe-se que a sala de aula é um ambiente onde as emoções se expressam e aparecem ao longo das experiências vivenciadas pelos alunos e professores, decorrente disso imprime um sentido afetivo ao conhecimento e a aprendizagem,

revelando a qualidade do objeto vinculado pelo aluno. De acordo com (Lourenço e Valente 2021) destacam que grande parte da carga afetiva no espaço micro da sala de aula é percebida através das relações entre professor e alunos, nomeadamente: olhares, posturas, conteúdos cognitivos, contactos, proximidade, tom de voz, formas de acolhimento, instruções, correções, comunicações verbais e não-verbais, entre outras. Estes comportamentos e atitudes são, per si, o âmago da trama de relações interpessoais que infligem um enorme impacto afetivo no aluno, positivo ou negativo, dependendo da forma como essas interações são vivenciadas.

Os artigos nos fazem refletir sobre a importância da afetividade em sala de aula nos anos iniciais do ensino fundamental, de modo que os alunos possam ser compreendidos, ouvidos, respeitados e, os professores possam entender melhor os seus sentimentos. É preciso ter sensibilidade para ouvi-los, dialogar com eles e apoiá-los para que busquem superar as suas dificuldades. Portanto, quanto ao professor, cabe a ele (a) exercer sua prática pedagógica afetiva estimulando não só a relação afetiva do aluno, mas outros aspectos como os motores e os cognitivos. Nessa relação que se estabelece entre professor-aluno é essencial para que o processo de ensino e aprendizagem aconteçam de modo completo.

E, por fim, no ensino médio as pesquisas nos mostraram diversas reflexões sobre o processo de aprendizagem e as possibilidades de atividades significativas para o Ensino Médio a partir de uma prática pedagógica afetiva do docente com seus alunos. Diferente do contexto das crianças do ensino fundamental, os alunos do ensino médio passam por situações como desmotivação pelos estudos, abandono e falta de interesse na sala de aula, muitas vezes devido aos aspectos afetivos na aprendizagem, assim é importante, uma vez que torna-se fundamental a afetividade no ambiente escolar. Uma das reflexões que os artigos nos mostram é que a figura do professor é tão importante quanto a sua prática educativa, pois acaba por ser o principal responsável por elaborar atividades que envolvam os alunos, o que torna o ensino significativo a ele.

Ao longo das pesquisas nessa modalidade de ensino, foi possível identificar que a afetividade é percebida pelos alunos do ensino médio a partir do respeito pelo professor (a), por outro lado a afetividade é percebida pelos educadores em forma de carinho, cuidado e admiração pelos alunos. Também foi possível identificar que as relações afetivas interferem no trabalho do educador e na resposta dos alunos e ainda, confirmar a existência da relação entre afetividade e aprendizagem.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da pesquisa desempenhada com objetivo de refletir sobre os trabalhos que retratam a perspectiva afetiva, compreendemos que no processo de ensino, a afetividade se faz presente no meio escolar. Porém, é necessário muita atenção aos vínculos afetivos criados em sala de aula, seja entre professor e alunos como entre as crianças, os jovens e os adultos:

[...] A afetividade deve estar presente nas práxis do educador [...]. Os educadores apesar das suas dificuldades, são insubstituíveis por que a gentileza, a solidariedade, tolerância, a inclusão o sentimento altruísta enfim todas áreas da possibilidade não podem ser ensinadas por máquinas. E sim por seres humanos. (CURY, 2008, p. 48).

Portanto, a afetividade está agregada à competência dos docentes para poder construir laços afetivos, contribuindo, assim, com o crescimento completo do ser humano. Logo, a falta da afetividade no meio escolar pode ser mencionada através das atitudes e atuações do sujeito comprometido. Em linhas gerais, dentre os trabalhos em EJA temos esses aspectos que me chamou a atenção, alguns retrataram a importância da afetividade na modalidade de Educação de Jovens e Adultos partindo do ponto de vista de que o afeto positivo pode reforçar o processo de ensino-aprendizagem, ainda que evidenciamos a realidade desse público a afetividade se torna o eixo principal nas estratégias de permanência desses na escola. Por assim dizer, o levantamento aponta que poucas pesquisas oferecem destaque à relevância da intervenção dos educadores no papel das relações com os alunos, o que acaba por ser constante um dado importante para a elevação da autoestima do sujeito em sua frequência na escola.

Sobre a afetividade no contexto escolar, o exercício de sua função docente é extremamente relevante do ponto de vista da educação, do ensino e da aprendizagem e,

portanto, precisa ser valorizado. No entanto, a relevância do papel do professor no âmbito da educação escolar aparece muito em diferentes artigos: em contextos de abandono escolar, sobre o cuidado com o corpo, prevalência do foco na cognição, são aspectos importantes encontrados ao longo das pesquisas.

Esses aspectos nos dizem que o conceito de afetividade tem importância em todas as modalidades de ensino, desde a creche ao ensino médio e em linhas de pesquisas como a Psicologia da educação.

Nesse ponto, as pesquisas nos mostram que o desenvolvimento afetivo é fundamental, pois está imbricado com outras dimensões humanas, como a cognição, motricidade e consciência de si.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

Alegre, v. 36, n.2, 2013. Disponível em: < <http://www.fe.unicamp.br/alle/textos/SASL-A Afetividade em Salade Aula.pdf>>. Acesso em: 14 mai. 2014.

ARAÚJO, Valéria Amorim Arantes. *Cognição, afetividade e moralidade*. 2. ed. São Paulo: Educação e Pesquisa, 2000. 137-153 p. v. 26.

BORGES, F. T. ; ALMEIDAA. R. S. ; MOZZER G. N. DE S. *Linguagem e afetividade: a construção subjetiva da professora em suas narrativas*. Fractal: Revistade Psicologia [online]. 2014, v. 26, n. 1 [Acessado13 Junho 2021] , pp. 137-154.

BUSSAB, V. S. R. ; PEDROSA, M. I.; CARVALHO A. M. A. *Encontros com o outro: empatia e intersubjetividade no primeiro ano de vida*. Psicologia USP [online]. 2007, v. 18, n. 2 [Acessado 13 Junho 2021] , pp. 99-133.

CAMARGO, Poliana da Silva. *Representações Sociais de Docentes da EJA: afetividade e formação docente*. Campinas: Educação e Realidade, 2017.

CARVALHO, E. M. R.; *Tendências da educação psicomotora sob o enfoque Walloniano*. Psicologia: Ciência e Profissão [online]. 2003, v. 23, n. 3 [Acessado 13 Junho 2021] , pp. 84-89.

CHAVES, Rosa Silvia Lopes. *Sentimentos de professores(as) diante da indisciplina de alunos(as) adolescentes no ensino fundamental*. ALMEIDA, L. R. MAHONEY, A. A.

(orgs) *Afetividade e aprendizagem: contribuições de Henri Wallon*. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

CURY, Augusto. *Aspectos afetivos são tradutos na educação de jovens e adultos*. Rio de Janeiro: Sextane, 2008.

DEGASPERI, Thais Cristiane; BONOTTO, Dalva Maria Bonotto. *Educação ambiental e as dimensões cognitiva e afetiva do trabalho com valores:: produzindo sentidos*. 3. ed. Bauru: Ciência e Educação, 2017. 625-642 p. v. 23. <https://doi.org/10.1590/1516-731320170030006>

FERREIRA, Aurino L; RÉGNIER, Nadja M A. *Contribuições de Henri Wallon à relação cognição e afetividade na educação*. 36. ed. Curitiba: Editora UFPR, 2010. 21-38 p. 2013.

FRANZI, Juliana; ARAÚJO, Ulisses Ferreira. *Do amor como falta: uma abordagem pedagógica*. São Paulo: Educação e Pesquisa, 2019

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GALVÃO, Izabel. *Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil*. 20. ed. – Petrópolis: Vozes, 2011.

GUIMARÃES, Daniela; ARENARI, Rachel. *Na creche, cuidados corporais, afetividade e dialogia*. Belo Horizonte: Educação em Revista, 2018.

LOURENÇO, A.A. & Valente, S. (2021). *A importância da gramática dos afetos na aprendizagem*. Rev. CES Psico, 14(2), 209-228. 10.21615/cesp.5067.

MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de (org.) *Henri Wallon*. Psicologia e Educação. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

MATTOS, Sandra M N. *Inclusão/exclusão escolar e afetividade:: repensando o fracasso escolar das crianças de classes populares*.44.ed. Curitiba: Editora UFPR, 2012. 217-23

RIBEIRO, Marinalva Lopes. *A afetividade na relação educativa*. 27. ed. Campinas: Estudos de Psicologia, 2010. 403-412 p. v. 3

SANTANA, Helga Loos; GASPARIM, Liege. Investigando as interações em sala de aula: Wallon e as vinculações afetivas entre crianças de cinco anos. 03. ed. Belo Horizonte: Educação e Revista, 2013. 199-230 p. v. 29.

SILVA LEITE, S. A. "*Afetividade nas práticas pedagógicas*". Temas em Psicologia, 2012, Vol. 20, núm.2, pp.355-368 [Consultado: 13 de Junho de 2021]. ISSN: 1413-389X.

SILVA, Maria Carmo L; OLIVEIRA, Marinalva Silva. *Apropriação participatória mediante interação verbal por tríades de crianças durante a resolução de problemas matemáticos*. 4. ed. Bauru: Ciência e Educação, 2012. 931-950 p. v.

TASSONI, Elvira Cristina Martins; LEITE, Sérgio Antônio da Silva. *Afetividade no processo de ensino-aprendizagem: as contribuições da teoria walloniana*. Educação, Porto

WALLON, Henri. *A evolução psicológica da criança*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WALLON, Henri. *As origens do caráter na criança*. São Paulo: Nova Alexandria: 1995.

WALLON, Henri. *Psicologia e educação da infância*. Lisboa: Estampa. 1975.

ANEXOS

ANEXO 1: QUADRO A - LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO NA SCIELO, CAPES E CNPQ (BUSCA POR AFETIVIDADE, COGNIÇÃO E APRENDIZAGEM)

■ **TABELA DE LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO TRABALHOS EM EDUCAÇÃO...**

ANEXO 2: QUADRO B - NOVO LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO NA SCIELO, (BUSCA POR AFETIVIDADE E HENRI WALLON)

■ **Tabela de Levantamento Bibliográfico oficial em ordem alfabética .pdf**